

# PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (Anno X)



Anno III

Florianopolis, 4 de Outubro de 1919

Num. 7

## A morte do justo

Oh! como nos encher de alegria, na hora da morte, a lembrança de ter supportado, em vida, com humildade e resignao, toda a sorte de adversidade!...

Como deverá ser doce a morte para o moribundo, que, percorrendo um olhar pela sua vida passada, vir como Deus, o auctor de sua vida, lhe concedeu tantos favores: ter-lhe feito nascer na luz maravilhosa da fé catholica e nella o ter conservado sempre; ter-lhe perdoado os peccados que tão miseravelmente commetteu; ter acceitado carinhosamente o seu arrependimento, offerecendo-lhe, de novo, os thesouros infindos que lhe estão preparados no co; ter-lhe dado tantas cruces: calumnias... que supportou resignadamente; intrigas que viu chover sobre si por causa da inveja de muitos; mau juizo que delles tão injustamente fizeram, quem sabe? pessoas boas, mas fracas como todos os viventes; desgostos que elle nunca teve a quem confiar... tudo elle v agora pintado em lindas cores!... e chora, chora então lagrimas de alegria... e agradece de todo o corao a Deus, que tudo assim encaminhou para o bem de sua alma!...

Como então se sente feliz agora essa creatura por ter sido caridosa... por ter perdoado aos seus inimigos e por lhes ter pago mal com o bem; como sente então a felicidade inundar-lhe a alma por ter soffrido, silenciosa, sem uma queixa nem murmurao, buscando são em Jesus e em Maria, nossa Mãe Immaculada, o lenitivo  sua dr e são a elles confiando os seus temores, pezares e nejezas...

E confortada com os ultimos sacramentos... a alma o ultimo suspiro...

Emquanto todos ao redor de seu leito choram, sua alma va, feliz,  mansão eterna, onde a espera, de braços abertos, Jesus, o meigo esposo das almas puras, que, com um osculo sacrosanto, lhe apresenta todos os seus thesouros, para que delles seja ella tambem participante.

*Aucena do Valle.*

Florianopolis, 29 de Setembro de 1919.

## Postal

Carissima Heloisa.

Não tendo sido possivel na semana passada, venho hoje escrever-te algumas linhas que algo digam do meu contentamento, da alegria que me vae nalma por já estares melhor dos teus incommodos de saude. Sei-o, porque a «P., A. e C.» teve, no dia 20, a felicidade de ver novamente o teu nome em suas columnas.

Deus seja louvado!, e que Elle se digne de restituir, completamente, esse dom precioso — a saude, a quem poderia tão bem contribuir, com o seu talento, para o brilho da «Penna»!...

Não leves a mal si ainda não repeti minha visita, boa Heloisa, pois as multiplas ocupações que me tem privado de cumprir esse agradavel dever imposto pela amizade.

Um obrigado muito affectuoso por me teres dedicado o bello logographo.

Abraa-te, saudosa, a

*Zenir Alca.*

## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno . . . . .	4\$000
Mez . . . . .	\$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «*Epoca*» custa 2\$000.

## RECEITAS

*Fatias de cidra.*

Kilo e meio de doce de cidra ralada, 1 quarta de manteiga, 8 gemmas, 4 claras, 1 pires de farinha de trigo, 2 pires de queijo ralado.

Mistura-se tudo, bate-se bem e vae ao forno quente em tableiros untados com manteiga. Depois de frio cortam-se as fatias.

*Manoés de cará ou aipim.*

Um prato de cará ou aipim cosido e passado na peneira, 12 ovos batidos com 250 grammas de assucar, 2 colheres de manteiga, 1 pires de queijo ralado, 1 côco, 6 colheres de farinha de trigo, cravo e canella em pó. Assa-se em forminhas untadas com manteiga.

*Bolinhos de abobora.*

2 chicaras de abobora cosida, 1 colher de assucar, 1 chicara de farinha de trigo, 4 gemmas, 2 claras bem batidas e canella em pó. Fritam-se em banha os bolinhos.



Diario da Filha de Maria

## Floresçamos onde Deus nos semeou!

IV

Não basta vivermos *resignados* no lugar onde Deus nos collocou; é preciso ainda *florescer*, isto é, *ahi vivermos felizes e tornarmos felizes os outros*.

*Florescer*, para a planta, é mostrar sua graça e sua belleza; é espalhar seu perfume; é captivar o olhar de quem passa; é attrahir a abelha e offerecer-lhe o mel que procura; é fazer esperar, pelo outomno, um fructo delicado.

*Florescer*, para ti, minh'alma, é — mostrar-te feliz!, feliz por tudo o que se faz por ti, feliz pelos cuidados que te prodigalisam e pela dedicacão com que te servem!

*Florescer* é dizer aos que te cercam, por tuas palavras ou por teu risonho semblante: Vivo tão bem convosco, porque sois tão bons para mim!...

*Florescer* é — estar á disposição de todos — é prestar-tu a tudo o que pode ser agradavel aos outros — é tolerar que te estorvem — é mesmo deixar-te cercar de pequenas atencões — é nunca mostrar cançao nem aborrecimento!

Quanta força, pois, quanta paz, quanta abnegacão, quanta santidade suppõe estas palavras: E' preciso sabermos *florescer* no lugar em que Deus nos collocou!

FIM

## Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptaçao de *Edésia Aducci*

—o—

PERSONAGENS:

*D. Emilia Dalben*, baroneza.*Zuleika*, sua filha.*Amelia*, *Anastacia*, *Genoveva* e *Anna*, creadas*Baroneza Flériot*.*Condessa Zurbaran*.*Wilma*, amiga de *Zuleika*.

SCENA IV.

*As precedentes e Amelia.*

*Amelia* — (entrando) Quem está aqui a chorar?... Ah! é você, *Genoveva*? Consolese, que tudo será remediado, si você tiver juizo agora. (*Anna* soluça alto, e *Genoveva* corre assustada para um dos lados.) Que é? Quem está aqui chorando? (Procura e descobre *Anna* escondida) Mas, *Anna*, saia desse esconderijo, pois ahi não melhorará a situação! (*Anna* sae chorando) Agora só falta a princeza *Anastacia*!

*Anastacia* — (sahindo do esconderijo) *Anastacia* está aqui, porém a princeza já partiu! (*Genoveva* e *Anna* correm para ella, ameaçando-a.)

*Genoveva* — Si te pego, hás de ver o que é bom!

*Anna* — Tu... a Sra., *D. Anastacia*, tem a culpa de tudo, por isso devia ir para a rua immediatamente! (*Genoveva* e *Anna* devem aqui falar quasi ao mesmo tempo.)

*Amelia* — (protegendo *Anastacia*) Deixem-se disto, *Anna* e *Genoveva*! E' verdade que *Anastacia* é a mais culpada, mas porque vocês seguiram o seu exemplo?

*Genoveva* — Ora seja!

*Anna* — Não!, não sei onde estava minha cabeça!

*Amelia* — *Anastacia*, você devia ir ter com *D. Emilia* e pedir-lhe desculpa por não ter procedido bem; si você o fizesse, ella perdoaria tudo, com certeza, porque é muito boa senhora, tão boa, que vocês não encontrarão outra melhor!, pois quem lhes dá, além do ordenado, comida, casa, roupa e tantas outras cousas? Não é *D. Emilia*?

Quem é que trata de vocês, quando estão doentes? Não é também D. Emilia?... E ainda não estão contentes? Não exijam demais, ouçam-me bem; não exijam demais, para que não succeda perderem tudo, em vez de lucrar alguma cousa!

*Genoveva* — Ora seja! Quasi que você faz a gente chorar!

*Anna* — (meio triste, meio alegre) *Amelia*, tão amavel como hoje você nunca foi para conosco! (*Anastacia* conserva-se calada, ora com raiva, ora envergonhada.)

## DOMINIOS DA ESPHINGE

(9.º torneio charadístico)

Outubro, Novembro e Dezembro

Tres premios ás vencedoras

1) LOGOGRIPHO

A' A. M.

Lá pelas aguas deslisa  
exquisita embarcação — 8,2,10,3,12.  
Quem a dirige? Seu dono,  
que é morador do sertão.

Ora, o bom do canoeiro,  
su' arma leva também; — 9,4,3,6.  
qu'elle é dono da canôa  
como da arma que tem.

Chega á terra; cáva, cáva...  
lá bem no fundo apparece — 11,8,5,10.  
certa cousa proveitosa  
que ao pobre homem enriquece.

Volta a casa, diz á esposa:  
— «Minha querida, ouve cá: — 12,7,1,2,6.  
— Já mataste o logogrifho  
de A. M.?... O que será?...»

— «Matei-o, sim, respondeu;  
mas, não conheço a *fructinha*...  
por esta matta busquei-a,  
e... nada! — Si a tal madrinha  
*sá Theresa* m'o dissesse...  
Mas, quem sabe si a conhece?...  
Vae, tu, marido, por *ella*,  
procura-a em todo o sertão,  
qu'eu quero, por minha mão,  
á A. M. offerecêl-a.»

*Uma aprendiz.*

2-5) NOVISSIMAS

A segunda serve de conductor de agua  
ao passaro — 1,2

A madeira que está no rol é de São  
Paulo — 1,2

Na extremidade procure a fructa — 2,2

Nota que é de fibra e não esqueças — 1,2.

*Stella Marina.*

—)x(—

OITAVO TORNEIO CHARADISTICO

Foi encerrado a 27 de Setembro.

Recebemos as soluções até 4 de Novembro.

## 4) ANCILLA DOMINI

### Eugenio e Celina

Sentindo-se apoiado pela avó, poz-se o pobre anjinho a fazer mil tregeitos e caretas para a tia, que lhe não prestou mais atenção.

Não se deu, felizmente, o contra-tempo que receiavam; puderam portanto seguir nesse mesmo dia ao termo que buscavam.

Eugenio percebeu que para Celina era um verdadeiro prazer aquella viagem, tudo a encantava, e entusiasmada procurava dissipar o mau humor de sua mãe chamando-lhe a atenção para os deslumbrantes scenarios que se succediam.

E' realmente inegalavel mimo aquella serpeante estrada pela Serra da Mantiqueira! Não o sonhára nunca a mais fecunda imaginação de artista, o quadro bellissimo que o Senhor ali pintou.

E o viajante a quem é dado contemplar tão grandiosa paizagem, por pouco que lhe reste de fé, sente pulsar com violencia o coração num arroubo de gratidão pela magnificencia do Creador.

E' então que parece ao homem, tão pequeno, tão desoladoramente escasso tudo quanto possa fazer em retribuição do generoso amor de seu Deus.

Pouco a pouco estabeleceu-se alguma intimidade entre os viajantes. Comquanto apparentasse Celina certa alegria, a Eugenio parecia que a moça occultava qualquer desgosto intimo, despertando-lhe essa ideia a curiosidade junto ao desejo de sondar aquella alma feminina, a primeira que lhe merecia interesse.

II

CELINA

Não era Eugenio máu decifrador de traços physionomicos; em suas linhas geraes foram por elle bem adivinhados os caracteres das duas senhoras.

D. Emilia Nunes tinha em verdade um genio extremamente autoritario, todos haviam de se lhe dobrar em casa; o marido, as filhas, os criados, todos, tudo!

Não era todavia por demais pesado o jugo da senhora, porque o temperava ella com sincera affeição. Amava deveras, mas a seu modo, a familia e os parentes. Sempre fôra a mais velha a sua preferida; de character ductil, malleavel, aquella menina deixava-se inteiramente dirigir e governar pela mãe, emquanto Celina, oito annos mais nova, mostrava desde o berço uma vontade muito sua, muito independente e decidida. Mais bem dotada no entanto do que Lucinda, a irman mais velha, Celina sabia alliar a submissão reflectida e calma a uma vontade inquebrantavel para tudo o que lhe parecesse bem.

Era ella a preferida do pae, que, apreciando na criança a coragem de suas convicções e a força de vontade, dizia muitas vezes, a rir: «Segundo S. Francisco de Sa-

les, o amor proprio só morre um quarto de hora depois de seu dono; eu affirmo e garanto que a vontade de minha Celina, meia hora depois della morta, ainda ha de estar tão irreductivel como sempre». D. Emilia fez casar a sua Lucinda aos 17 annos. Quasi sem a consultar, prometeu-a a Augusto Senna, rapaz de algum merecimento, porém, completamente descrente.

Foram os esposos mais ou menos felizes até quando, nove annos, mais tarde, adoeceu Lucinda gravemente, vindo a fallecer d'ahi a um anno, de tuberculose pulmonar.

D. Emilia, então já viuva, teve horrendo abalo com esse golpe, tornou-se tão irritavel e nervosa que não só soffria muito como fazia dura e amargurada a vida da filha que lhe restava.

Era nessa época um mimo a Celina: intelligente, viva, piedosa e meiga, era ella o enlevo, a alegria do lar.

Vivia despreocupada e feliz até quando lhe morreu o pae; a essa dôr primeira tão profunda, tão intensa, seguiu-se logo a molestia da irman, que com a joven familia compartilhava o mesmo lar, pois nunca consentira D. Emilia em se separar de sua primogenita.

Não deviam parar ahí os trabalhos de Celina.

Um dia, achando-se ella sosinha na sala a arranjar os moveis, viu entrar o cunhado com os olhos refulgentes de um brilho máu.

— Emfim! emfim! — exclamou elle num folego, — acaba o medico de me affirmar que Lucinda não poderá viver mais de cinco mezes. E então estarei livre! livre, minha adorada, poderemos nos casar... oh! eu já não podia mais! si soubesses quanto te adoro!

Celina recuou branca de susto, a escova com que limpava os moveis fugiu-lhe das mãos, a principio julgou que a molestia da esposa tivesse tirado a razão a Augusto. Quiz gritar mas não teve forças; pouco depois, readquirindo a presença de espirito, exclamou cheia de indignação:

— Nunca me casarei contigo, peço-te não mais repetires isso que me disseste.

— Oh! nei de conquistar-te custe o que custar: has de ser minha por força!

— Nunca, eu te detesto! — exclamou Celina tremula de repulsa por tamanha ousadia. — Prohibo-te de falar-me nesse tom. — Augusto deixou a sala, e a moça recolhendo-se a seu quarto chorou amargamente.

Era Celina uma innocente criança; em suas singelas divagações limpidas e puras como fonte crystalina, jamais lhe occorrera nem mesmo a ideia de matrimonio.

Só um amor conhecia ella, o amor entranhado e vivo por seu Deus, amor esse que se irradiava em affecto, ternura e meiguice por todos os que a rodeavam...

E quando permittia a sua fogosa imaginação alar-se livremente em busca de um ideal, era pelo heroismo do soffrimento que sua alma suspirava. Soffrer para conquistar almas, pagar com suas dôres e lagrimas um

acrescimo de fé e de amor por Jesus, o adorado unico, nos corações dos paes e de todos que lhe eram caros.

A brutal revelação dos sentimentos de Augusto, essa primeira iniciação das paixões humanas, não a encontrou precavida. Que? Como era possivel ter ella inspirado tão culposo affecto ao marido de sua irman? E Celina, tremula, chorava, tomada de indizivel horror.

Lutara Augusto a principio para dominar aquelle impossivel amor, pois só a idéa desse affecto parecia-lhe um atrevimento sacrilego diante daquella alvura incomparavel de virgem. Ao saber, porém, da gravidade do mal de sua mulher, foi tal a alegria que não mais se pode conter. Resultou dessa declaração o despontar do primeiro sentimento de indomavel aversão e de invencivel antipathia no meigo coração de Celina. Grandes trabalhos lhe estavam destinados: Lucinda, sentindo-se morrer, condoida dos filhinhos que ia deixar orphãos, lembrou-se da dedicada irman que ora lhes seria a segunda mãe. Fez prometter ao marido que se casaria com Celina logo após o prazo do luto. Temendo ainda que se frustrasse esse seu pedido de agonizante, Lucinda disse a D. Emilia: — Quero, mamãe, que a Sra. me prometta e jure que fará casar Celina com Augusto. Este é muito novo e não se conservará viuvo por muito tempo, e só assim eu morrerei socegada quanto ao futuro de meus filhos. Sim, mamãe querida, promette-me isso, pois não? E' o ultimo grande desejo de sua preferida.

— Filha adorada, juro-te, prometto-te! — exclamou a senhora entre soluços. — Celina ha de ser a segunda mãe de teus filhos, de novo o juro!

A nenhuma das duas occorreu a idéa de consultar a interessada. Lucinda receiava que a irman recusasse aceitar o casamento arranjado á borda de um tumulto, convinha só lhe falar nisso mais tarde — e D. Emilia julgava sua autoridade absoluta e legitima, mesmo nessa questão. Celina havia de se casar com quem ella, sua mãe, quizesse e mandasse.

Não contaram com a resistencia daquella fragil criança.

Morreu Lucinda. D. Emilia quasi enlouqueceu de dôr, apegando-se apaixonadamente aos tres netinhos, reliquia adorada de sua primogenita. A imaginação superexcitada fazia-lhe vêr um imprescindivel dever de consciencia realizarem a promessa que á querida fizera.



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis  
Rua 28 de Setembro N.º 8.